

## **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões? Quatro ensaios crítico-dialéticos em Filosofia da Educação<sup>1</sup>**

Edmara Aparecida Parra Melati

A sociedade globalizada exige que os indivíduos permaneçam em constante processo de atualização de conhecimentos. Dessa forma, o conhecimento e a mão de obra produtiva tornam-se flexíveis. Em atendimento a ordem capitalista os organismos externos exercem forte influência nos países em desenvolvimento; no Brasil, a educação escolar passa a ser vista como um instrumento para o fortalecimento da ordem econômica vigente, onde a produção flexível exige cada vez mais a necessidade de formação de trabalhadores adaptáveis às mudanças. A empregabilidade instável requer indivíduos competitivos capazes de aprender a aprender e de solucionar os problemas encontrados no mercado de trabalho. Assim, a educação escolar é considerada um meio de preparar indivíduos para acompanhar a sociedade em acelerado processo de mudança.

O livro *Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões*, de Newton Duarte, reúne quatro ensaios que compõem um instrumento para a compreensão das questões educacionais acerca dos condicionantes neoliberais impostos pelo capitalismo. O autor adota a perspectiva crítico-dialética ao analisar as concepções de aprendizagem voltadas ao aprender a aprender, com foco na adaptação ao mercado de trabalho. Ele reforça, ainda, a tese de que a filosofia marxista possui intenso fundamento e contemporaneidade diante das discussões emergidas da chamada sociedade do conhecimento, leva à compreensão e à desmitificação de conceitos, concepções e modismos pedagógicos que apropriaram-se dos espaços escolares esvaziados do aprofundamento teórico que os embasam.

No primeiro capítulo “As Pedagogias do Aprender a Aprender e Algumas Ilusões da Assim Chamada Sociedade do Conhecimento”, Duarte aborda os posicionamentos valorativos

---

<sup>1</sup> DUARTE, Newton. *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões? Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

evidenciados pelas concepções pedagógicas focadas no aprender a aprender, em especial, a pedagogia das competências. Explicita sua preocupação fundamental em relação à capacitação de indivíduos para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à adaptação da ordem capitalista, nessa ordem, aquilo que o indivíduo aprende por si mesmo é superior ao o que ele aprende por intermédio de outras pessoas. O método utilizado na descoberta do conhecimento passa a ser priorizado em detrimento da apropriação do conhecimento produzido socialmente. Prevalece a ideia de que a atividade do aluno deve ser educativa, impulsionada e dirigida pelos seus interesses e necessidades, ou seja, uma necessidade inerente à própria atividade da criança, de maneira funcional.

O autor questiona sobre qual seria a função ideológica desempenhada pela crença na chamada sociedade do conhecimento e aponta para a intencionalidade de se enfraquecer as críticas radicais ao capitalismo e a possível luta por uma revolução que leve a uma superação radical desse sistema. Para tanto, anuncia algumas ilusões que são transmitidas e incorporadas ao senso comum e esvaziadas da reflexão crítica tão necessária ao processo educativo. Entre elas a de que o conhecimento nunca esteve tão acessível como hoje, ou seja, vivemos numa sociedade na qual o acesso ao conhecimento foi amplamente democratizado pelos meios de comunicação. Outra ilusão apontada pelo autor é de que a capacidade de lidar de forma criativa com situações singulares no cotidiano e de mobilizar conhecimentos é muito mais importante que aquisição de conhecimentos teóricos. Aponta, também, para a ilusão de que o conhecimento não é a apropriação da realidade pelo pensamento, mas sim uma construção subjetiva resultante de processos semióticos intersubjetivos, nos quais ocorre uma negociação de significados, dessa maneira, o que confere validade ao conhecimento são os contratos culturais, isto é, o conhecimento é uma convenção cultural. Trata também como ilusão a afirmativa de que os conhecimentos têm todos o mesmo valor, não havendo, entre eles, hierarquia quanto à sua qualidade ou quanto ao seu poder explicativo da realidade natural e social.

Conclui-se esse ensaio alertando para a ilusão de que o apelo dado à consciência dos indivíduos, seja por meio das palavras, seja por meio de bons exemplos dados, por outros indivíduos ou por comunidades, constitui-se o caminho para a superação de grandes problemas da humanidade. Esta ilusão contém uma outra, qual seja a de que esses grandes problemas existem como consequência de determinadas mentalidades. Com maestria ele consegue denunciar

os posicionamentos ideológicos trazidos pelas pedagogias que menosprezam a transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

No segundo capítulo “Relações entre Ontologia e Epistemologia e a Reflexão Filosófica sobre o Trabalho Educativo”, Duarte chama a atenção para a análise unilateral na compreensão da relação sujeito-objeto, ou seja, busca compreender quais outros fatores podem influenciar essa relação, tendo em vista que sujeito e objeto são históricos e que, consecutivamente, essa relação também é histórica. Assim, convida os leitores a refletir sobre a opção realizada ao se adotar um modelo biológico de interação entre organismo e meio ambiente, adotada pelo interacionismo, e, em oposição a este, aborda a concepção histórico-cultural, que objetiva a relação histórica e social entre sujeito e objeto.

Esclarece que as relações ontológicas e epistemológicas estão intrinsecamente ligadas. A ontologia, compreendida como ciência do ser, evolui com a humanidade e passa a considerar a realidade socio-histórica, compreendendo, portanto, que o homem, por meio do trabalho, diferencia-se dos demais seres vivos, pois transforma a natureza e a si próprio de forma planejada, ou seja, planeja mentalmente a maneira como atenderá suas necessidades, gerando dialeticamente a relação entre a objetivação e a apropriação. Tomando como base o processo evolutivo humano, o autor instiga a compreensão de que a atividade humana objetivada passa a ser objeto de apropriação de outros seres humanos, gerando novas necessidades, por meio do contínuo processo de produção e reprodução da cultura e do conhecimento da humanidade.

Ao passo que o objeto sofre a ação humana, passa a ter novas funções, tornando-se síntese, fruto da ação social. Enquanto síntese, o objeto deverá ser apropriado por todos aqueles que venham incorporá-lo em sua atividade individual. Esse é o princípio para a reflexão epistemológica de uma perspectiva histórico-social, Duarte esclarece que a apropriação de algo e a objetivação em algo geram a necessidade de novas apropriações e novas objetivações. Assim, os processos de criação e de repetição se misturam e estão dialeticamente ligados. As relações dialéticas geradas entre o processo de objetivação e a apropriação constituem a dinâmica fundamental da historicidade humana, ou seja, o objeto transformado em instrumento pela objetivação da atividade humana é inserido na atividade social e pela apropriação gera novas necessidades, e, conseqüentemente, novas possibilidades de transformações.

Embora a escola não seja o único espaço em que o processo educativo ocorra, Duarte defende que a escola é o local privilegiado para que ele aconteça, pois é o espaço para a mediação

entre o processo histórico de formação do gênero humano e o processo individual de formação. O processo de mediação é compreendido ao passo que se considera a objetivação como síntese da atividade humana, onde está acumulada a experiência histórica de muitas gerações na busca de constantes aperfeiçoamentos exigidos pela própria atividade social desenvolvida.

Nesse contexto, o processo educativo pode produzir nos indivíduos algo que já foi produzido historicamente, ou seja, no processo de apropriação são produzidas, nos indivíduos, as aptidões e funções humanas historicamente formadas, aproximando, portanto, seus estudos dos conceitos tratados pela Pedagogia Histórico Crítica de Demerval Saviani e tece a crítica às concepções históricas com foco na essência humana e no ideal abstrato de ser humano.

No terceiro capítulo “A Anatomia do Homem é a Chave da Anatomia do Macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar”, Duarte evidencia o estudo da epistemologia materialista e dialética realizado por Vigotski, que pretendia construir uma psicologia marxista ao adotar o método de Marx em sua globalidade. Nesse contexto, o desenvolvimento da psicologia como ciência estaria condicionado ao avanço do processo de construção de uma sociedade socialista. Demonstra que Vigotski aponta para a necessidade de uma teoria que realizasse a mediação entre a filosofia alicerçada no materialismo dialético e os estudos fenomenológicos concretos realizados no campo da psicologia. Esclarece que, ao analisar o processo de elevação do senso comum ao conhecimento científico, bem como o processo de elevação do senso comum a consciência filosófica, tratado por Saviani, Vigotski defende o método do inverso no estudo de determinado fenômeno, por meio de sua análise mais desenvolvida. Esse método é chamado de inverso porque caminha na direção oposta à gênese do objeto, a mediação é realizada pelo processo de análise que trabalha com abstrações, reportando-se ao método dialético de apropriação do concreto pelo pensamento científico.

O autor explica que, ao utilizar o método inverso de análise, Vigotski afirma que as formas mais desenvolvidas da arte são as chaves das formas mais atrasadas, defendendo dessa maneira a existência de saberes superiores e inferiores de arte. Assim conduz ao entendimento de que os conhecimentos científicos a serem ensinados, por meio da educação escolar, superam por incorporação os conceitos do cotidiano. Impossibilita, então, a abertura para os que buscam em sua obra apoio as posições pedagógicas que demonstram a defesa ao multiculturalismo relativista e que, ainda, compreendem os saberes apenas como diferentes, propagando a inexistência de saberes mais ou menos desenvolvidos.

Compara o método dialético de Vigotski e Marx estabelecendo relações entre o concreto e o abstrato e entre o todo e suas partes. Assim, as decomposições sucessivas do concreto caótico levariam a abstrações cada vez mais tênues, e, ao chegar a esse ponto, o pensamento deve ser inverso, ou seja, ascender à abstração mais simples à complexidade do conjunto, a qual foi representada inicialmente de forma caótica. Quando o pensamento humano coloca em foco algum aspecto da realidade objetiva como objeto de conhecimento, parte da análise lógica da fase mais desenvolvida desse objeto para posterior compreensão de sua gênese. Nesse sentido, o adulto desenvolvido também é a chave para a compreensão do desenvolvimento da criança, o qual ocorre por meio da interação com o adulto.

Duarte, à luz dos ensinamentos de Marx, destaca que o concreto pensado é a apropriação dialética do concreto real, ou seja, a reprodução da realidade pelo pensamento. Nesse entendimento é possível prevenir os reducionismos, indicando que o conhecimento científico de uma determinada realidade humana somente pode ser atingido pela mediação, no pensamento, do processo de elaboração de abstrações e de reconstrução das inúmeras relações estabelecidas no todo. Tece a crítica aos estudos que têm como ponto de partida o indivíduo e ou da relação entre dois indivíduos para compreender a sociedade e ao idealismo que desvincula os conceitos e seu desenvolvimento dos sujeitos reais que estão inseridos em um determinado contexto histórico e social, reforçando a teoria de que as unidades não preexistem ao todo, ou seja, o todo não é o resultado da relação entre pares que já existiriam de forma autônoma e independente.

É evidenciada a aproximação da psicologia socio-histórica tratada por Vigotski aos conceitos tratados na epistemologia de Marx, ao demonstrar que as funções psíquicas não possuem um desenvolvimento autônomo, mas sim dependem de um todo do qual são partes. Ao mesmo tempo, o autor destaca a contribuição do pensamento educacional de Demerval Saviani quanto à pedagogia e sua relação com a educação escolar. Assim, Newton Duarte contrapõe-se à tônica dominante nos ideários pedagógicos contemporâneos, os quais concebem o processo educativo como um processo de interação entre significados subjetivos e individuais em oposição a transmissão de um saber objetivo socialmente construído.

Por fim, no quarto capítulo “Ideal e Idealidade em Ilyenkov: contribuições para a reflexão filosófico-educacional contemporânea”, Duarte apresenta o pensamento do filósofo soviético Evald Vasilyevich Ilyenkov (1924-1979), ainda pouco conhecido no Brasil, que aborda em seus estudos o conceito de ideal e idealidade e convida o leitor à reflexão, quando afirma que é preciso

abandonar o princípio segundo o qual os fenômenos ideativos seriam aqueles que têm existência exclusivamente dentro da mente dos indivíduos. Dessa maneira, esclarece que, de fato, o que assume a forma ideativa não é a consciência ou a vontade do indivíduo, mas sua atividade. Portanto, o ideal e o material não devem ser vistos separadamente, pois são frutos das relações sociais, assim estende a reflexão para a alienação humana decorrente do capitalismo, afirmando que o ser humano deve se tornar senhor tanto da materialidade quanto da idealidade que constituem o mundo da cultura humana, ou seja, o mundo criado pelo trabalho humano.

Na obra em questão, o autor expõe suas ideias e tece suas críticas com rigor no aprofundamento teórico elencado; é, portanto, uma valorosa ferramenta aos educadores e a todos que desejam aprofundar a compreensão dos problemas educacionais enfrentados no mundo contemporâneo, regido pelos ditames do capitalismo. A obra oferece subsídios teóricos para a transformação das ações educativas desenvolvidas no espaço escolar, local privilegiado, pois é nele que o indivíduo permanece desde a infância até a adolescência, e deve, portanto, contribuir, por meio da formação do pensamento e de conceitos, para o desenvolvimento da personalidade e da concepção de um mundo com mais equidade social.

Edmara Aparecida Parra Melati - Supervisora de Ensino no Município de Sorocaba. Sorocaba | SP | Brasil. Contato: edmara.sedu@hotmail.com